

I CIÊNCIAS

A repressão atinge o paroxismo

"A solução final" para a resolução do problema estudantil entrou na fase decisiva. Já não basta levantar processos disciplinares. Já não basta cortar pela base as reivindicações estudantis ou der-lhes respostas demagógicas. As notícias sensacionais, os discursos ministeriais e o fantasma mil vezes acenado da incorporação no exército não têm entre os estudantes o acolhimento que as autoridades esperavam: um silêncio cobardes. É pois necessário ir mais longe. É preciso ilegalizar o que até aqui era legal ou para-legal. É preciso prender. É preciso aterrorizar, intimidando, ameaçando e esponcando. Porquê 25 estudantes presos, ocupação policial da Universidade e da Cidade? Porquê a brutalidade de tal repressão? Porquê tudo isto? Se as autoridades estão na razão, se as suas propostas são correctas, se quando o Governo diz que vai democratizar, liberalizar, dar participação etc., ou quer e pode realmente fazer, porque não desmascara os estudantes precisamente democratizando, liberalizando e dando participação? Porque então precisa de bater, prender, proibir, impedir? Os estudantes tomaram a sério a proposta de discussão da "Reforma" e quiseram levá-la à prática. Denunciaram o carácter demagógico desta proposta bem como do próprio "projecto de reforma". Era preciso silenciá-los. É o que o Governo está a tentar.

II

Os estudantes aguentam o embate

Procurando cercear pela base qualquer resistênciã dos estudantes, as autoridades levam mais longe o seu jogo começando por assaltar a A.A.C., prendendo cinco estudantes entre os quais três membros da D.G., esponcando brutalmente um estudante que protesta para que os outros vissem como é "a brandura dos nossos costumes", dissolvendo pela força uma Reunião Inter-Juntas com cerca de 800 estudantes que estava a decorrer e levando os copiôgrafos e outro material. A busca foi tão completa que até sebentas e apontamentos escolares (caso dos apontamentos da cadeira de Sistemas Lógicos) foram apreendidos pela PIDE. Estava-se numa Sexta-Feira, dia 12 de Fevereiro às 19,30H, iniciando-se então uma extraordinária movimentação policial enquanto os bem conhecidos agentes da PIDE ferejavam minuciosamente tudo e todos.

Todas estas medidas repressivas não impediram que os estudantes reunidos em Assembleia Magna na Segunda-Feira dia 15 de Fevereiro, com mais de 3000 estudantes, decretassem greve geral. Apesar de toda a violência utilizado pelas autoridades que na nossa Faculdade mobilizou mesmo o Prof. Cotelo Neiva, comandando piquetes de PSP, isto para além das actuações pidescos de certos funcionários com particular destaque para a Mariazinha e Rodrigues, a greve foi um êxito. Se nos lembrarmos ainda, que a A.A.C. foi novamente ocupada pela PSP e PIDE na Quarta-Feira 17 de Fevereiro, a ASE Magna impedida que muitos estudantes eram pura e simplesmente impedidos de entrar na Cidade Universitária e se finalmente nos lembrarmos que os meios de informação eram diminutos em relação por exemplo, aos que temos agora, o número de assistências às aulas não teve significado.

III

A colaboreção entre o PIDE-DGS, Autoridades Académicas e PSP.

Já durante a greve de 1969, o Prof. Cotelo Neiva e Prof. Fernandes de Carvalho (actual vice-reitor) primoram pelo seu espírito de denunciãtes. O primeiro denunciou discretamente por simples ofício ao inquiridor 21 estudantes da faculdade. Agora o professor Cotelo Neiva apresenta-se à frente dos piquetes de polícia, mandando prender ("leve aquele", "identifique este"); o professor Fernandes de Carvalho participa nos comemoções da P.S.P. como "representante da Universidade", indo ao ponto de entregar medalhas e condecorações aos agentes que mais se destacaram na sua acção. A Reitoria racionalizou-se. Dividiram-se tarefas. Há actores para todos os papéis. O Reitor, liberal, aberto às ideias progressistas; A Vice-reitora ocupando a reitoria nos momentos de impasse, quando há o perigo de se esgotar irremediavelmente o embalegem liberal daquele; o

senhor Vice-reitor fica para os contactos "repugnantes": organizações de "Bufa".

IV

..A situação nas Ciências- os exames do 1º semestre

Como se sabe, os estudantes de Eng. realizaram uma RGA tendo decidido fazer uma proposta de mapa de exames às autoridades. Essa proposta, apoiada por uma concentração de alunos foi entregue em princípios de Fevereiro ao Director da Fac. e passados dias da mesma a Junta de Delegados recebeu uma resposta negativa fundamentada num pretense despacho ministerial. Posteriormente e numa nova RGA os alunos de Eng. decidiram fazer chegar a sua proposta ao MEN. Passados dias souberam através da Reitoria que a proposta havia sido considerada, com excepção de um ponto que necessitaria ser discutido. Aborrido outra vez o Director, este viu-se obrigado a confessar que a primeira resposta havia sido da sua única responsabilidade, mas que mesmo assim não podia concordar com as nossas reivindicações, justificando a sua atitude num pretense aumento de trabalho para o Corpo Docente. Entretanto chegaram os exames pelo que alguns pontos da proposta dos estudantes de Eng. perderam actualidade, tendo-se todavia mantido actual o ponto em que se pedia um 2º período de exames depois das férias da Páscoa. Nas férias de ponto a Junta de Delegados contactou novamente com o MEN para se resolver este problema. Desta feita a resposta dada foi que o MEN não se opunha em princípio à pretensão que aliás era uma realidade no IST, mas deixava a solução final ao critério do Conselho de Faculdade. Há que salientar o facto de que a uma exposição com carácter de urgência desta e apesar da sua apresentação ter sido feita em princípios de Fevereiro, a resposta ter vindo já no período de realização de exames, ou seja numa altura em que qualquer que fosse a resposta já pouco poderia adiantar aos interessados. Porque algumas das reivindicações feitas não perderam actualidade, há que desde já lutar pela sua satisfação e como condição mínimo de compensação dos prejuizos ora causados há que exigir uma época plena em Junho.

W

As faltas às aulas

Sobre este assunto também a Junta de Delegados na impossibilidade de reunir os estudantes, pois estava-se em férias, fez uma exposição ao Reitor e ao MEN no sentido de ser resolvida a situação dos estudantes atingidos. Como se sabe o número de faltas que costume ser afixado no princípio do ano sofreu alterações, alterações essas a que nunca chegou a ser dada publicidade. Este facto levou estudantes da Faculdade a ultrapassarem sem o saberem o número de faltas máximo permitido. Sobre este assunto também não houve resposta das autoridades.

VI

A actividade da Junta de Delegados de Ciências

A realização de exames do 1º semestre nos cursos de Eng. e de algumas licenciaturas, aliado às férias de Carnaval, implicou a quase inexistência de aulas e a atomização dos estudantes. Esta atomização reflectiu-se evidentemente no funcionamento da Junta. Embora a realização de exames seja uma explicação a ponderar o facto é que os representantes dos cursos tem responsabilidades contraídas para com os seus colegas e alguns revelaram ignorância a respeito deste facto. Impõe-se uma crítica e auto-crítica das estruturas organizativas e dos estudantes que os integram. Crítica que se impõe aberta, corajosa e leal. Crítica voltada ao aperfeiçoamento e reforço organizativo, esforço que compete a todos os estudantes.

Todos em frente pela

LIBERTAÇÃO I MEDIATA DOS ESTUDANTES PRESOS

ABERTURA Imediata da AAC e DEVOLUÇÃO DO MATERIAL "DESVIADO"

LIVRE DIREITO DE REUNIÃO E DISCUSSÃO.

TODOS A PRÓXIMA

Coimbra, 22 de Março de 1971

JUNTA DE DELEGADOS DE CIENCIAS

Ass. Faculdade Terça - Feira, 23 às 12h